

Temor dos Poderes Sobrenaturais na Escuridão

Henry Home Lord Kames

Apresentação, tradução e notas de Daniel Lago Monteiro

Mestre em Filosofia pela USP

Apresentação

Talvez nenhum outro autor do chamado 'Iluminismo Escocês' represente de forma tão emblemática esse fecundo movimento de idéias quanto Henry Home, Lord Kames. Nascido em 1696 em Eccles, próximo à fronteira com a Inglaterra, e falecido na capital Edimburgo em 1782, em seus quase noventa anos de vida o magistrado da Suprema Corte de Justiça da Escócia, Henry Home, esteve muitas vezes no epicentro das transformações socioculturais que marcaram a Escócia de seu século: seja na promulgação de leis que beneficiavam o comércio e a indústria, em projetos de urbanização e paisagismo, ou, principalmente, em sua atividade de escritor. Semelhante às trajetórias de Adam Smith (cuja carreira intelectual fora inicialmente patrocinada por Kames) e de seu amigo e primo distante David Hume (segundo alguns historiadores o sobrenome Hume é uma variação de Home)¹, os escritos de Kames percorrem os temas mais variados: da jurisprudência à antropologia histórica, passando pela teologia natural e a crítica literária. Porém, ao contrário de Hume e Smith, o ingresso de Henry Home no mundo das letras é tardio. De fato, Kames só veio a se notabilizar como escritor após receber o título de Lord, quando completara cinquenta e seis anos de idade.

Foi na forma livre do ensaio que Kames encontrou sua inserção nos debates filosóficos de seu tempo. A obra *Ensaio sobre os Princípios da Moral e da Religião Natural*, de 1751, da qual extraímos o texto que ora apresentamos ao leitor de língua portuguesa, figura-se entre os primeiros escritos do autor, além de ser tida como sua mais importante contribuição à especulação filosófica. O objetivo dessa empreitada era bastante claro:

¹ Ver, Henry Home, Lord Kames. *Elements of Criticism*, p. x .

estudar o homem sem um "esquema" prévio, que "exalte ou deprecie sua natureza"². Pode-se observar nessas palavras sua forte inspiração na "ciência do Homem" que David Hume apresentara como motivo filosófico nas páginas iniciais do *Tratado da Natureza Humana*, e a própria escolha da forma ensaio denota seu débito àquele que, na época, desfrutava de amplo reconhecimento pelos seus dotes literários³. Porém, para Kames, como para muitos autores escoceses que floresceram sob a sombra do 'ceticismo humeano', a grande dificuldade dizia respeito à elaboração de um pensamento distinto tanto dos modelos racionalistas das filosofias de língua inglesa precedentes, de Locke ou Clarke, por exemplo, quanto dos 'surto de ateísmo' de Hume⁴. Assim, quando se compara os *Ensaio*s de Kames com os de Hume, por mais que se evidenciem aproximações, o que primeiro chama a atenção são as divergências quanto à escolha dos temas tratados. Enquanto Hume tem em seu público leitor, "*the elegant part of mankind*"⁵, o principal objeto de sua antropologia, Kames não hesita de ir buscar no 'vulgo' experiências não menos reveladoras para a ciência do homem. É neste contexto que foi escrito um dos ensaios com um dos títulos mais inusitados da 'filosofia das luzes': *Temor dos Poderes Sobrenaturais na Escuridão*.

² Henry Home, Lord Kames. *Essays on the Principle of Morality and Natural Religion*, pp. 229-230.

³ A primeira versão dos *Ensaio*s *Morais, Políticos e Literários* de Hume é de 1741. Durante todo o século XVIII a obra sofreu importantes reformulações, tendo sido reimpressa diversas vezes dada sua "calorosa recepção na Grã-Bretanha; no continente, com a publicação de inúmeras traduções para o francês, alemão e italiano; e na América". (David Hume. *Essays Moral, Political and Literary*, p. xv).

⁴ O importante crítico e escritor inglês Samuel Johnson, por conta de suas desavenças com Hume, passou a detestar todos que fossem provenientes das terras britânicas ao norte, talvez com a única exceção de seu amigo e biógrafo James Boswell. Certa ocasião, em que Johnson e Boswell se debatiam sobre a importância dos escoceses no cenário literário moderno, Boswell respondeu as críticas de Johnson a Hume dizendo: "BOSWELL. 'Mas, senhor, temos Lord Kames'. JOHNSON. 'Tendes Lord Kames. Então ficai com ele; há, há, há! Não vos invejamos por isso.'" (James Boswell. *The Life of Samuel Johnson*, p. 138).

⁵ A expressão é freqüente nos ensaios de Hume. Ver, sobretudo, o ensaio *Of Essay-Writing*.

Ensaio de número VII da Parte II, sua própria posição na obra já é bastante significativa e até mesmo surpreendente⁶. Situado entre os textos *Conhecimento dos Eventos Futuros* e *Conhecimento da Deidade*, é curioso notar que o principal tema de *Temor dos Poderes Sobrenaturais na Escuridão* é justamente aquilo que não se pode conhecer. Marcado por uma discussão de forte cunho estoíco sobre os desígnios da natureza e a posição do homem no cosmo, o texto de Kames conduz sutil e habilmente o leitor a caminhos outrora não explorados. Ao que parece, este é o caso do termo *imaginação*. Se na acepção clássica imaginar é ver e pensar, tal como expressa o próprio vínculo etimológico entre 'imaginação' e 'visão', Kames aproxima esta atividade da mente ao reino do invisível e desconhecido. O espetáculo do mundo visual deixa de ser a principal matéria-prima da imaginação; são as paixões fortes, sobretudo o medo, que a incitam. Seu produto final também não precisa mais estar ancorado na experiência sensível, pois ela é capaz de *apresentar* "algo ainda mais terrível do que jamais foi visto ou descrito". Esta atividade produtiva da imaginação, unida ao medo e à obscuridade, é capaz de conferir um novo estatuto à realidade das coisas. "Com as cores mais assustadoras" a imaginação cria seus próprios mundos, "como se (...) fossem reais".

Foram observações como essas que deram ao pensamento de Kames uma amplitude para além de sua nação e de seu século. Tão logo suas obras eram publicadas, seu impacto se fazia sentir tanto na Grã-Bretanha quanto no continente. Na Alemanha, a obra *Elements of Criticism*, de 1762, foi publicada um ano após sua primeira edição em inglês e antes mesmo da tradução francesa⁷. Dentre os primeiros e mais notáveis leitores de Kames está Immanuel Kant. Na *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*, Kant expressa sua admiração pelo filósofo escocês com a citação de inúmeros exemplos e argumentos extraídos de seus textos⁸, ainda que em nenhum momento o nome de Henry Home seja mencionado. Também é silenciosa sua influência na formação de um gosto pelo sinistro e pelo maravilhoso na literatura. Em *Temor dos Poderes Sobrenaturais na Escuridão*, o

⁶ No prefácio à primeira edição dos *Ensaaios*, Kames faz a seguinte observação: "os ensaios que se seguem não foram reunidos sem alguma conexão" (p. 3).

⁷ Ver *Elements of Criticism*, pp. xvii-xviii, v. 1.

⁸ Por exemplo, a seguinte passagem do 33: "A imaginação poética (ou produtiva) funda uma espécie de convivência com nós mesmos (...). A noite a vivifica e eleva acima de seu conteúdo real...". (KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Iluminuras: São Paulo, 2006, p. 79).

leitor encontra o maquinário do romance gótico das gerações subseqüentes e, de súbito, se vê imerso na Escócia das narrativas de Ann Radcliffe ou Sir Walter Scott. Mas, para tanto, é preciso entregar-se aos momentos solitários da leitura, e não permitir que o brilho da "presença de outros" dissipe os fantasmas de suas associações mais íntimas.

Tradução⁹

Uma visão ainda que bastante superficial da natureza humana é o suficiente para nos convencer de que não fomos deixados aqui por acaso. Esta terra é adequada ao homem, e o homem é adequado para habitar esta terra. Pelos nossos sentidos temos um conhecimento intuitivo das coisas que nos cercam, ao menos daquelas pelas quais somos afetados. Descobrimos objetos distantes. Discernimo-los em suas conexões de causa e efeito; suas operações futuras são tão explícitas quanto as presentes. Mas, nesse grande aparato de sentidos, externos e internos, pelos quais os segredos da natureza nos são desvendados, um deles parece ter sido recusado; embora, aparentemente, o mais útil de todos: refiro-me ao sentido que discerne quais coisas são nocivas e quais são amigáveis. Algumas das frutas mais venenosas têm as mais belas cores, e os animais selvagens partilham da mesma beleza que os domesticáveis e inofensivos. Pela mais vasta indução, perceber-se-á que o homem não possui nenhum sentido original do que lhe é salutar e do que lhe é danoso.

É natural que se investigue por qual razão esse instinto nos foi recusado, visto que o designo da natureza é, ao que parece, prover-nos abundantemente com instintos para a descoberta de verdades úteis. É uma tarefa bastante audaz para o homem mergulhar nos segredos de seu criador. Devemos tranquilamente nos contentar com os numerosos exemplos que temos da boa ordem e do bom propósito, que nos fornecem uma convicção racional de que a boa ordem e o bom propósito ocorrem universalmente. Ao mesmo tempo é possível formar uma conjectura racional a esse respeito. Temos uma convicção de que nada é redundante ou supérfluo nas operações da natureza: diferentes meios

⁹ Título original: *Dread of Supernatural Powers in the Dark*. Este ensaio foi primeiramente publicado em 1751, numa coletânea intitulada: *Essays on the Principles of Morality and Natural Religion*; "Ensaio sobre os Princípios da Moral e da Religião Natural". Estes ensaios sofreram importantes modificações em 1758 e 1779. Esta tradução tem por base a edição de 1779. [NT]

nunca nos são propiciados para realizar o mesmo fim. A experiência nos é dada, no limite do possível, para adquirir conhecimento, e o sentido apenas quando a experiência não pode nos ajudar. O sentido, nesse caso, foi recusado, pois o conhecimento do que é danoso e do que é benéfico, poderia ser obtido pela experiência. Por sua natureza, o homem foi criado para uma vida ativa, da qual depende, em grande medida, a sua felicidade. Para estimular a atividade devemos acumular conhecimento pela experiência, e somente quando esta não nos pode instruir se dispõe para nós um sentido.

O homem se encontra neste mundo em meio a uma grande variedade de objetos cuja natureza e tendência ele só conhece pela experiência. Numa situação como essa, ele estaria em perigo constante, se não fosse por um fiel conselheiro¹⁰, para mantê-lo em constante vigia contra a injúria. Tal conselheiro é a propensão de recear objetos novos; especialmente aqueles que não têm nenhuma beleza peculiar que desperte seu desejo. Uma criança, para quem toda a natureza é estranha, teme a aproximação de todo objeto; e mesmo a face de um homem lhe é assustador. A mesma timidez e desconfiança observam-se nos viajantes, que entram em contato com estranhos e se deparam com coisas desconhecidas. Na primeira vez que vemos uma erva ou uma fruta, receamos o pior e suspeitamos serem elas nocivas. Um animal desconhecido é imediatamente concebido como perigoso. Os mais raros fenômenos da natureza, cujas causas são desconhecidas pelo vulgo, nunca deixam de tocá-los com temor. Dessa indução fica claro que tememos objetos desconhecidos; sempre os inspecionamos com uma emoção de medo, antes que a experiência tenha mostrado serem inofensivos.

Acredita-se que esse temor de objetos desconhecidos é inerente a todos os seres sensíveis; principalmente aos fracos e indefesos. Quanto mais frágil e delicada é a criatura, observa-se que mais acanhada e tímida ela é. Nenhuma criatura é, por natureza, mais frágil e delicada que o homem. Esse princípio lhe é de grande utilidade, ao balancear o princípio da curiosidade, que prepondera no homem acima de todas outras criaturas e que, se fomentado sem restrição, pode conduzir a acidentes fatais.

O temor de objetos desconhecidos incendeia a imaginação, a ponto de magnificar suas supostas qualidades malignas. É uma verdade bastante conhecida que a paixão tem grande influência na imaginação. Quanto menos soubermos acerca de um objeto novo, mais liberdade tomamos em vesti-lo com as cores mais assustadoras. O objeto é concebido

¹⁰ Em inglês *monitor*. Como podemos observar no primeiro sentido apresentado pelo *The Oxford English Dictionary*: "Aquele que admoesta ou aconselha ou adverte uma outra pessoa sobre sua conduta". *The Oxford English Dictionary*. Volume VI L-M. Oxford At the Clarendon Press. 1933. [NT]

como tendo todas aquelas qualidades temíveis que a imaginação possa inventar; e o mesmo temor é suscitado como se essas qualidades fossem reais, e não imaginárias.

Caso o objeto novo e desconhecido tiver algo assustador em sua aparência, esta circunstância, unida à nossa propensão natural a temer objetos desconhecidos, despertará terror até mesmo nos mais corajosos. Se o grau e a qualidade dos males que tememos em tais objetos forem desconhecidos, a imaginação, não estando sob nenhuma restrição, afigura os piores males em espécie e magnitude que possa conceber. Caso não decorra nenhuma injúria imediata, a mente, pelo impulso que recebera, transporta-se ao futuro e imagina as estranhas formas como presságios de horrendas calamidades. Por essa razão, os fenômenos incomuns da natureza, tal como cometas, eclipses, terremotos, são tidos, pelo vulgo, como prognóstico de eventos inusitados¹¹.

O exemplo mais comum de nosso temor de objetos desconhecidos é o medo que por vezes se apodera de muitos jovens no escuro; um fenômeno que não fora devidamente esclarecido. A luz predispõe a mente ao contentamento e, conseqüentemente, à coragem. Escuridão, ao deprimir a mente, predispõe-na ao medo. Qualquer objeto pode assustar a mente quando esta já fora devidamente preparada pela escuridão para receber impressões assustadoras. Um objeto, que é visto no escuro apenas obscuramente, concede a aquecida imaginação pleno escopo para atribuir aos objetos as mais temerárias aparições. Esse fantasma da imaginação, concebido enquanto realidade, perturba a mente e a lança num surto de delírio. A imaginação, agora aquecida em seu mais alto grau, multiplica as temíveis aparições ao extremo limite de sua concepção. O objeto torna-se num espectro, num diabo, num duende, ou mesmo em algo ainda mais terrível do que jamais foi visto ou descrito.

Uns poucos incidentes como esses, que têm um efeito tão poderoso, são suficientes para introduzir uma associação entre escuridão e poderes malignos. Uma vez constituída esta associação, não há nenhuma ocasião em que a aparição do objeto não produza esse medo. Idéias assustadoras povoam na mente e aumentam o medo ocasionado pela

¹¹ "Objetos grandiosos provocam na mente uma profunda impressão e dão força à paixão da qual ela se ocupa naquele momento. Aparições como essas, sendo inusitadas ou mesmo completamente novas, predispõem a mente para o terror; auxiliada pela emoção resultante da grandiosidade dos objetos, produzem grande agitação e uma violenta apreensão do perigo". Esta passagem encontra-se no fim deste parágrafo na edição de 1751 e foi suprimida nas edições posteriores. [NT]

escuridão. A imaginação torna-se ingovernável, e converte essas idéias em aparições reais.

Que o terror provocado pela escuridão se deve inteiramente das operações da imaginação é algo que se torna evidente pela seguinte reflexão, que na presença de outros tal efeito não é produzido. A companhia de alguém não pode oferecer nenhuma proteção contra poderes sobrenaturais. Mas ela tem o mesmo efeito que os raios de sol, para animar a mente e protegê-la contra a lugubridade e o desânimo. A imaginação se mantém dentro de certos limites, devidamente submetida ao sentido e à razão¹².

Referências Bibliográficas

BOSWELL, James. *The Life of Samuel Johnson*. Penguin Books, 1986.

HUME, David. *Essays Moral, Political and Literary*. Liberty Fund, Indianapolis, 1987.

_____. *Treatise of Human Nature*. Clarendon Press, Oxford, 1978.

KAMES, Henry Home. *Elements of Criticism*. Liberty Fund, Indianapolis, 2005.

_____. *Essays on the Principles of Morality and Natural Religion*. Liberty Fund, Indianapolis, 2005.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Iluminuras, São Paulo, 2006.

PIMENTA, Pedro Paulo. *O Animal Político: uma seleção de textos do iluminismo escocês*. Alameda Editorial, São Paulo, 2009.

¹² Buffon, no tomo sexto de sua *História Natural* (octavo), tenta explicar o temor de espectros na escuridão pela aparência indistinta dos objetos. Imaginamos no escuro que uma imensa árvore distante seria um pequeno arbusto ao nosso alcance, e que uma mosca que passa diante de nossos olhos seria um monstruoso pássaro que voa ao longe. Mas esse autor não considera que o temor de espectros é maior na completa escuridão, quando nenhum objeto pode ser visto, seja de forma distinta ou confusa. (Buffon sugere que enquanto relatos de espectros na escuridão são comumente atribuídos à imaginação, eles podem ser referências diretas a objetos reais, cuja percepção é distorcida pela nossa incapacidade de julgar a distância e a proporção no escuro. Desse modo, "a idéia de espectros está fundada na natureza e, ao contrário do que os filósofos acreditam, sua aparição não depende inteiramente da imaginação". Georges Louis Leclerc, comte de Buffon (1707-1788), "Du sense de la Vue" ("Do sentido da Visão") em *Du L'Homme*, vols. 2 e 3 da *Histoire naturelle, générale et particulière*, 15 vols. (Paris 1749), v. 3, pp. 319-320). [NA]